



Texto Livre: Linguagem e Tecnologia
E-ISSN: 1983-3652
revista@textolivre.org
Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

Vieira da Silva, Francisco; Silveira, Ederson Luís
LIVROS ENTRE PRÁTICAS E TRANSFORMAÇÕES: EFEITOS DE SENTIDO EM
DISCURSOS SOBRE A LEITURA NA MÍDIA
Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, vol. 8, núm. 2, julho-diciembre, 2015, pp. 41-53
Universidade Federal de Minas Gerais

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=577163623004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

LIVROS ENTRE PRÁTICAS E TRANSFORMAÇÕES: EFEITOS DE SENTIDO EM DISCURSOS SOBRE A LEITURA NA MÍDIA

BOOKS AMONG PRACTICES AND TRANSFORMATIONS: SENSE EFFECTS IN DISCOURSES ABOUT THE READING IN THE MEDIA

Francisco Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba
franciscovieirariacho@hotmail.com

Ederson Luís Silveira
Universidade Federal de Santa Catarina
ediliteratus@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho, descritivo de natureza interpretativa, visa analisar uma reportagem de capa veiculada pela revista *Veja* (“Os superpoderes da Leitura”, ed. 2373, de 20 de maio de 2014), com vistas a apreender, no funcionamento do discurso midiático, efeitos de sentido relativos à leitura e, por conseguinte, representações acerca do leitor contemporâneo. Para tanto, torna-se relevante pensarmos nas circulações de discursos e discursivizações que são produzidas a partir de enunciados veiculados nas mais variadas vitrines midiáticas em que nos inserimos na contemporaneidade. Para isso, o discurso aqui é tomado como algo exterior à língua, mas que precisa da língua para se materializar. Dessa forma, o olhar dos gestos de interpretação, proposto aqui, voltar-se-á para a materialização de enunciados que tomam a leitura como um objeto discursivo.

PALAVRAS-CHAVE: leitura; análise de discursos; mídia.

ABSTRACT: The present work, descriptive with interpretative nature, aims at analyzing a cover story published by *Veja* magazine (“Os superpoderes da Leitura”, ed. 2373, 5/20/2014), with the objective of apprehending, in the functioning of media discourse, sense effects related to reading and, consequently, representations about the contemporary reader. For this purpose, it becomes relevant to think about the circulations of discourses and discursivisations which are produced from statements presented on the most varied media showcases of contemporaneity. To do this, the discourse will be taken here as something outside the language, but that needs language to materialize itself. Thus, the look of the proposed interpretation gestures will turn to the materialization of statements that take reading as a discursive object.

KEYWORDS: reading; discourses analysis; media.

1 Introdução

[...] mas depois você prossegue na leitura e percebe que de algum modo o livro se deixa ler, independentemente daquilo que esperava do autor. O livro é o que desperta sua curiosidade; pensando bem, você até prefere que seja assim, deparar com algo que não sabe bem o que é (Ítalo Calvino, 2003).

Leia para uma criança! #issomudaomundo!
(Projeto Leia para uma Criança, Banco Itaú).

Frequentemente se noticia em diversas instâncias midiáticas a respeito do *déficit* de leitura do brasileiro, dos problemas decorrentes de uma certa fragilidade no que tange à compreensão e interpretação de textos¹; das modificações a que a leitura esteve (e está!) face ao prodigioso desenvolvimento das tecnologias digitais, que modificaram sensivelmente as maneiras de ler (CANCLINI, 2008; CHARTIER, 1999). Além disso, nessa cadeia enunciativa em torno da leitura, podemos mencionar as notícias e reportagens de diversas mídias referências ao êxito editorial do filão da autoajuda e congêneres, bem como as campanhas de doações de livros e de incentivo à leitura, levadas a cabo por órgãos públicos e privados, os quais retomam *slogans* e/ou fórmulas que cristalizam determinados dizeres sobre o livro e a leitura. Nesse contexto, de acordo com Salgado (2011, p. 151), subsiste uma tentativa de consenso sobre a leitura, segundo o qual “[...] nenhuma pessoa de bom senso questiona a importância do livro e da leitura na formação de cidadãos críticos e autônomos”.

O que queremos argumentar, com essa breve retomada de discursivizações heterogêneas produzidas sobre a leitura, a partir de enunciados veiculados na mídia, diz respeito à presença cada vez mais acentuada de discursos que apontam para certa aversão à leitura, incrustados, por exemplo, nas pesquisas que alardeiam certas “deficiências” do leitor brasileiro. Sob esse escopo, cabe acentuar que nunca se falou tanto da leitura e se manifestaram tantos *modus operandi* diversificados de leitura como na contemporaneidade. É imperioso constatar, por outro lado, que o ato de ler envolve uma heterogeneidade que lhe é intrínseca, ou seja, sob a rubrica *leitura* tem-se um guarda-chuva que pode abrigar desde a literatura dita canônica até as mensagens propagadas em redes sociais.

No caso específico da revista *Veja*, trilharemos os vestígios dos efeitos de sentido produzidos através dos enunciados veiculados sobre a leitura como objeto discursivo, considerando, pois, a heterogeneidade de discursos que gravita sobre essa questão e que também a atravessa.

Levando em consideração essas questões, vale salientar a emergência da leitura na reportagem de capa da publicação mencionada: a popularização de livros estrangeiros no país, numa literatura voltada prioritariamente para o público jovem. Se levarmos em conta, sob os passos de Foucault (1986), que os enunciados estão inscritos em um regime de raridade e dispersão, torna-se importante atentar para as condições de possibilidade que permitem a irrupção da leitura como um objeto de discurso nas páginas de *Veja* e não outro (assunto e não outra revista) em seu lugar. Para isso, antes de ingressar nos domínios das análises que aqui nos propomos, vale destacar as contribuições foucaultianas que, articuladas aos estudos sobre a leitura, oriundos de autores como Roger Chartier, Lajolo e Zilberman, por exemplo, servirão de norte para o presente trabalho.

1 Um exemplo pode ser a matéria a seguir: <<http://www.ecaderno.com/pre-universitario/reportagens-especiais/dificuldade-com-a-interpretacao-de-texto-pode-atrapalhar-o-desempenho-dos-estudantes>>. Acesso em: 11 out. 2014.

2 Foucault e os estudos da linguagem: notas para pensar a noção de enunciado

Durante muito tempo, até o final da década de 60, analisar textos consistia em lançar mão de um gesto que implicaria a “descoberta” de sentidos ocultos, de “verdades” escondidas nos recônditos do texto. Então, aquele que se prestasse a tal tarefa haveria de beber nas fontes de um método teórico intitulado *análise de conteúdo*. Mas, nos anos 60, emergem as contribuições de um pensador que revolucionaria a história de diversos campos do saber. Seu nome é Michel Foucault. Combatendo essencialismos e naturalizações de saberes, esse pensador baseia seus estudos em uma forma inusitada de perceber a história, a partir das elucubrações de Nietzsche, ou seja, a partir dos terrenos da descontinuidade. Assim, a história não mais seria vista, nas abordagens desse autor, como a descrição de ocorrências lineares cronologicamente descritas rumando a alguma evolução.

Para ele, por debaixo do tapete da História “oficial”, jazem resquícios de outras histórias, inscrições de outros campos de saber possíveis que ficaram silenciados e foram relegados ao esquecimento (apesar de retornarem de vez em quando com seu espectro atormentador). A descontinuidade faz com que seja a história seja pensada a partir de diversas possibilidades. Com isso, o único sentido, o sentido verdadeiro das palavras e das coisas, passa a ser posto em xeque. Não é tarefa dos estudiosos analisar “o que o autor quis dizer” ou “o que está por trás do que foi dito”.

Mas não podemos nos deixar levar pela ingenuidade de acreditar que não existem mais modos de pensar que preservam a ideia de continuidade, visto que ainda existem formas de pensar a história, as artes, a literatura e os discursos calcados na noção de continuidade. A esta altura, outro conceito foucaultiano se torna preponderante para as discussões que propusemos trazer no presente trabalho: o enunciado (e, nesta seção, buscaremos esboçar algumas reflexões sobre o enunciado a partir de Foucault que podem ser levadas em consideração quando nos referimos a enunciados e não a frases em relação aos excertos de texto analisados na próxima seção).

Trata-se de um conceito que se tornou fértil no campo de estudos da linguagem ou, pelo menos, trouxe acréscimos reflexivos que possibilitaram que conceitos como frase, atos de fala e língua fossem problematizados. Esse conceito surge no livro *Arqueologia do saber* (cujo terceiro capítulo é dedicado inteiramente ao tema), no qual aparecem reflexões acerca da aparição de enunciados possíveis construídos em um sistema linguístico e que extrapolam a materialidade em que são construídos, não se reduzindo à língua nem se confundindo com ela. Isso porque, “[...] ao tratar do enunciado e do discurso, não o faz a partir de uma perspectiva linguística, ou seja, o discurso e o enunciado não se reduzem a aspectos de ordem gramaticais, lexicais, etc.” (SILVEIRA, 2014a, p. 46).

Nesse contexto, Foucault assinala que “[...] não basta qualquer realização material de elementos linguísticos, ou qualquer emergência de signos no tempo e no espaço para que um enunciado apareça e passe a existir” (FOUCAULT, 1986, p. 98). Para o pensador, o que precisa ser notado é a função enunciativa, isso porque todo enunciado é produzido por um sujeito, situado em um lugar específico e determinado por regras de formação que são históricas e socialmente estabelecidas.

Cabe então considerar o cuidado com as reflexões sobre a atualidade em que nos encontramos e a historicidade de que os enunciados são constituídos. Como o sujeito do enunciado não é um sujeito gramatical nem a origem dos sentidos daquilo que enuncia, o

enunciado em Foucault não é transparente, não pode ser reduzido às intencionalidades de qualquer sujeito. Apesar do fato de que todo enunciado está, para ele, ligado a um sujeito, cabe então assinalar que o sujeito do enunciado é uma função, isso porque “[...] um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos” (FOUCAULT, 1986, p. 107). Essa concepção se torna, portanto, útil para o que aqui nos propomos refletir nos terrenos da análise do discurso midiático, afinal, o que torna uma frase em enunciado é buscar apreender “[...] que posição pode e deve ocupar todo indivíduo para ser sujeito” (FOUCAULT, 1986, p. 109).

Ao perceber que um enunciado possui as margens povoadas por outros enunciados, o movimento que nos inspira a escrever o texto que aqui apresentamos inspira-se na noção de enunciado em Foucault (1986, p. 113) e não na análise gramatical da frase ou da língua, já que “[...] não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não atualize outros enunciados”. Isso remete a pensar com Foucault, quando ele menciona, na *Arqueologia do saber*, que todo enunciado está submetido a limites porque cada enunciado ocupa um lugar específico na relação com outros enunciados possíveis.

Dessa forma, não há enunciado “[...] em geral, livre, neutro e independente; mas [...] fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo” (FOUCAULT, 1986, p. 114). Há assim, um campo de estabilização que permite o surgimento de outros enunciados e a atualização dos enunciados que vieram antes dele, em um jogo de remissões possíveis, pois “[...] o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 1986, p. 26). Percorrendo atualizações enunciativas possibilitadas por uma conjuntura sócio-histórica específica, vamos então às reflexões e análises propostas.

3 Desnovelando fios, enovelando-se nas malhas do discurso

Pesquisadores como Mariza Lajolo, Regina Zilberman e Roger Chartier têm desenvolvido estudos profícuos sobre a leitura. O que os aproxima é uma abordagem que permeia reflexões acerca dos elementos relacionados às práticas de leitura. Tais pesquisadores preocupam-se em perceber historicamente leitores de diferentes épocas, através de costumes e redirecionamentos e, assim, buscam delinear as complexas relações entre oralidade e escrita, entre história e literatura, entre jornais e livros, bem como outros elementos que porventura venham se instaurar historicamente nas relações entre escritores, obras e leitores.

Na contemporaneidade, interessa-nos problematizar os modos com que a cultura da escrita se insere em diferentes mídias reconfigurando cenários e histórias de experiências leitoras. Em uma das obras de Lajolo & Zilberman (2009), intitulada *Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura e seus discursos* e em um livro organizado por Roger Chartier, em 2009, intitulado *Práticas de Leitura*, podem ser notados esforços consideráveis que tais autores alimentam no sentido de atualizar modos de perceber reconfigurações históricas de leitores em circunstâncias únicas percebidas com o desenrolar da história. Assim, a leitura nunca é a mesma e vai se reconfigurando com o passar do tempo.

Em um dos capítulos da obra organizada por Lajolo e Zilberman (2009), as autoras mencionam que, situado no campo de objetivos do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), é cada vez mais recorrente a organização de objetivos que visam valorizar a leitura através de campanhas institucionais e publicitárias. Disso decorre o fato de a escola não ser entendida apenas como intermediária entre livros e leitores, mas diversificando o uso de instrumentos variados de alcance para que se atinja uma multidão efetiva de leitores, fazendo com que as mensagens publicitárias, em certos contextos, concebam os leitores como consumidores de livros.

Para Chartier (2009), deve-se tomar cuidado para que não haja padronização de leitores, como se todos assimilassem do mesmo modo aquilo que leem e apreendessem as mesmas interpretações. Sendo assim, a experiência individual de leitura não pode ser deixada de lado, pois, para cada leitor, a leitura, ao mesmo tempo em que faz com que ele se una a uma multidão de sujeitos inseridos em práticas de leitura, também faz com que se especifique em relação aos outros, por causa dos efeitos únicos que a leitura produz em si. Assim, tornam-se cada vez mais recorrentes:

Campanhas institucionais de valorização da leitura, do livro, da literatura e das bibliotecas em televisão, rádio, jornal, internet, revistas, outdoors, cinema e outras mídias. Campanhas com testemunhos de formadores de opinião sobre experiências com livros e leitura. Publicações de histórias de leitura e dicas de personalidades e pessoas anônimas da comunidade sobre livros.²

Na reportagem “Os superpoderes da Leitura” (Veja, ed. 2373, 20/05/2014), as condições de emergência responsáveis pela capa da revista mencionada envolvem um acontecimento específico – a explosão de vendas dos livros do escritor americano John Green no Brasil –, a partir do qual a revista enceta uma discussão sobre a leitura. O mote utilizado em *Veja* para caracterizar a leitura é digno de alguns apontamentos que estão essencialmente atrelados às representações do leitor e às condições de produção e recepção do texto ficcional na sociedade contemporânea.

Ainda é preciso frisar que essas condições direcionam a organização composicional da reportagem, cuja divisão encontra-se estruturada em duas partes: a primeira, sobre o sucesso de John Green; a segunda, acerca dos *superpoderes* da leitura. Em relação à segunda parte, podemos então perceber que a rede de enunciados que se relacionam uns com os outros remetem a atualização de dizeres inscritos na história das práticas de incentivo à leitura como transformadora dos indivíduos, o que aparece no PNLL, consoante mencionada por Lajolo e Zilberman (2009). Isso também pode ser verificado na página *online* do PNLL quando encontramos que “[...] a leitura e a escrita são instrumentos indispensáveis na época contemporânea para que o ser humano possa desenvolver plenamente suas capacidades, seja no nível individual, seja no âmbito coletivo”³.

Tais condições circunscrevem também a imagem do autor, trazendo-a para a cena enunciativa. Na reportagem de *Veja*, essa imagem está ligada à ampla utilização dos

2 Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL). Disponível em <<http://www.pnll.gov.br>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

3 Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL). Disponível em <<http://www.pnll.gov.br>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

dispositivos tecnológicos: “Sim, ele faz sentido nas livrarias e na internet: Green desautoriza os correntes vaticínios tecnofóbicos sobre o ocaso da leitura na era digital” (VEJA, 2014, p. 121). Na tessitura da reportagem, erigem-se enunciados relacionados em torno da figura do autor, de modo que Green é frequentemente caracterizado como um sujeito espontâneo, despojado, antenado com as tecnologias digitais, próximo do público que consome os seus livros, com ênfase nos jovens.

Essa construção do sujeito-autor produz o efeito de afastar a imagem dessa entidade do perfil sisudo do autor de outros períodos históricos, que não demonstravam afeição ao exibicionismo, nem tampouco se preocupavam em vender vorazmente e, por conta disso, tornar-se célebre. Acreditamos que, na cultura do espetáculo, há um permanente entrelaçamento no imaginário social que confere ligações entre a figura do autor e os meandros de sua obra, se pensarmos, por exemplo, no interesse maciço pela vida privada de autores contemporâneos e de outros já falecidos (cf. SIBILIA, 2004). Esse interesse, em alguns casos, passa a ser utilizado como estratégia de *marketing* pelo mercado editorial para alavancar as vendas. A busca por informações acerca da vida dos escritores revela um momento histórico específico no qual nos situamos, pois permite perceber o estudo das práticas de leitura, apreendido, conforme pressupõem as reflexões de Chartier (2009), através da leitura de livros não canônicos e o prestígio dos *Best Sellers*, proclamados por diversas mídias através dos estrondosos números de vendas. Vale então destacar algumas considerações desse autor acerca dos atos de leitura, já que eles, segundo o estudioso mencionado,

[...] dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido, não somente pelo autor que indica a justa compreensão de seu texto (sic), mas também pelo impressor que compõe as formas tipográficas, seja com um objetivo explícito, seja inconscientemente, em conformidade com os hábitos de seu tempo (CHARTIER, 2009, p. 78).

Com efeito, na reportagem em estudo, o foco centra-se sobre o cotidiano de Green. Inclusive, a revista propõe ao autor fazer um ensaio fotográfico na neve, reiterando, pois, uma postura jovial e extrovertida. Além disso, a reportagem descreve minuciosamente o escritório de Green, exibindo seu cotidiano e sua intimidade. Nesse ínterim, a revista mostra a esposa do escritor, que afirma ser responsável pela organização do espaço caótico em que o escritor trabalha. Tal qual um dos adolescentes retratados nas suas obras, o referido escritor é construído, a partir da ótica de Veja, como um sujeito “[...] ligado nos fãs e no mundo, inteligente, bom escritor, cheio de respeito para com os adolescentes” (VEJA, 2014, p. 122) que “[...] conserva uma certa agitação pueril própria de seu público leitor” (p. 124). Insinua-se, portanto, uma relação de homologia entre a figura do autor e as idiosincrasias dos personagens, o que corrobora o imaginário dos leitores acerca desse escritor.

Tem-se, nesse contexto, a premência em ligar a figura do escritor com a da função autor, dado que, conforme nos adverte Chartier (2001, p. 90), trata-se de entidades absolutamente distintas, pois “[...] a função autor está separada da realidade fenomenológica e da experiência do escritor como indivíduo”. Em tempo, a função autor é de natureza discursiva, bem como de organização da materialidade textual, o que vai ao

encontro dos estudos foucaultianos, para quem o autor não é fonte de sentidos do que é escrito, mas organizador de discursividades e isso faz com que ele não possa ser confundido com o indivíduo que escreve, já que os sentidos daquilo que escreve não são totalmente determinados por ele.

Estar no que se imaginaria ser a origem do que foi dito ou escrito não faz de nenhum indivíduo um autor. Nem tampouco tudo o que um autor diz ou escreve constitui sua obra. As razões para tanto se relacionam direta ou indiretamente aos diferentes estatutos atribuídos ao que é enunciado, uma vez que o mesmo pode gozar de uma considerável perenidade ao longo da história ou desaparecer tão logo sua enunciação se finalize (CURCINO, 2012, p. 07).

Assim, os leitores de Green são chamados a ter voz, a fim de corroborar as considerações de Veja e referendar a formação de uma espécie de fã-clubes do autor. Aqui convém destacar que tais sujeitos passam a ser vistos não como indivíduos, mas como sujeitos discursivos inseridos em instâncias das práticas de linguagem. Isso quer dizer que não são vistos como indivíduos, enumeráveis, mas cada um enquanto ser social apreendido em um espaço coletivo. Não é possível tudo dizer nem que todas as vozes sejam ouvidas ao mesmo tempo em que “[...] é preciso se livrar do sujeito constituinte [...] chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica” (FOUCAULT, 2008, p. 07). Nesse sentido, os sujeitos a quem a revista autoriza o dizer têm “[...] existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro. A voz [de cada sujeito] revela o lugar social; logo expressa um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade histórica e social” (FERNANDES, 2008, p. 24).

Os depoimentos estão dispostos ao longo da reportagem, ao lado de jovens sorridentes e em poses descontraídas. Não é por acaso que as representações de leitor sejam estas e não outras, devido aos fins a que a reportagem se destina, quando busca traçar uma imagem positiva em relação ao sujeito-autor. Dentre tais depoimentos, destacamos o seguinte trecho extraído do dizer de um leitor paraibano de 18 anos: “Ele é diferente dos outros, é mais social e humano. Em *Quem é você, Alasca?* consigo me ver em muitas situações” (VEJA, 2014, p. 122).

Diante do enunciado antes mencionado, somos mobilizados a pensar, num domínio associado, na leitura como uma experiência mimética, conforme compreende Manguel (2004), quando afirma que “[...] lemos para compreender e para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial” (MANGUEL, 2004, p. 15). A função enunciativa aqui se apresenta no sentido de trazer à tona que o enunciado existe historicamente possibilitado por um indivíduo que ocupa a posição de sujeito do enunciado. Dessa forma, da voz do sujeito do enunciado proferido não revela necessariamente um único leitor paraibano, mas a representação de subjetividades de leitores que poderiam ocupar o lugar de leitores de Green e também enunciar que se identificam com o que ele escreve (o que não são poucos, pois os livros desse autor são vertiginosamente comercializados). Assim, essa relação de identificação do leitor, mediante tal fruição estética, com as obras de Green constitui uma regularidade no discurso da reportagem e explica, a nosso ver, a ênfase produzida através da reportagem em relação ao aspecto qualitativo dos livros desse escritor, pois a identificação dos leitores se dá através do reconhecimento deles com os personagens e fatos narrados, como também através dados quantitativos, como veremos a seguir.

Além de tabelas com as vendagens expressivas de Green, encontramos construções como “amigo de todas as horas”, “representante literário da geração que se comunica por celular”. Acerca dos jovens que têm aparição na referida reportagem, todos aparecem sorrindo, como se isso fosse efeito de um poder “transformador” da leitura de Green. Isso corrobora os estudos de Curcino (2013). Para essa autora, passou a existir, ao longo do tempo, um imaginário em torno da leitura como potencializadora de um enobrecimento do sujeito. Ademais, os leitores retratados na revista estão rodeados de livros. Esse aspecto da materialidade imagética afere que os enunciados verbais e não verbais inter-relacionados entre si produzem um efeito de representação de leitores que leem obras não legitimadas pelo cânone, inserindo-se, sobretudo, no contexto do consumo massivo e são interpretados segundo Curcino (2013), como situados em um repertório cultural bastante prodigioso devido ao fato de se inserirem em práticas de leituras para além dos ambientes legitimados pelo capital cultural de sua época.

Desse modo, quando os leitores enunciam acerca da obra de Green, quando peregrinam ante os escritos do autor (CERTEAU, 1998), fazem-no por meio da articulação com outras obras do autor, seja através da narração meticulosa de aspectos de uma obra em particular, seja na relação com outras obras, cujos dizeres produzem efeitos de sentido que nos reportam a posições enunciativas advindas das experiências de leitura desses sujeitos, os quais são representantes de outras vozes integrantes de uma dada realidade coletiva, histórica e social.

Na segunda parte da reportagem, é possível notar uma remissão ao discurso científico – corporificado, por exemplo, na voz de um neurocientista – a fim de comprovar a tese defendida no texto da revista, segundo a qual “[...] a ciência comprova que a arte da ficção não é supérflua: está profundamente arraigada na natureza humana e é necessária a ela” (VEJA, 2014, p. 127). Para tecer um efeito de verdade, a publicação propõe um jogo que atrela a leitura ficcional ao biológico no sentido estrito. Nessa lógica, o sujeito enunciativo da reportagem vale-se da posição de um neurocientista para argumentar acerca dos efeitos da ficção no funcionamento do cérebro.

A nosso ver, a característica anteriormente mencionada da reportagem ampara-se nas vicissitudes do fazer jornalístico, as quais impingem a busca por um efeito de verdade dos fatos que noticia (NAVARRO, 2010). Esse efeito não está dissociado do reconhecimento social que o saber científico produzido no seio das ciências biológicas detém, o que explica, pois, a recorrência da voz de um neurocientista e não de um especialista em literatura, por exemplo. Nesse esteio, levamos em consideração a noção de verdade a partir de Foucault (2008), para quem a verdade não existe fora do poder ou isenta das relações de poder.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2008, p. 12).

A articulação dos estudos da linguagem com a psicologia cognitiva busca conferir à reportagem de *Veja* o status do verdadeiro. Para tanto, a revista cita uma pesquisa

desenvolvida na Universidade de Toronto, Canadá, na qual se constatou que há uma relação entre as conexões neuronais acionadas para compreender histórias com as que são mobilizadas na interação entre as pessoas. Essa comprovação subsidia a tese defendida pela revista e, inclusive, ampara os depoimentos produzidos por jovens leitores de sucesso. Por outro lado, convém insistir no seguinte ponto: o fato de a revista ancorar-se num saber científico, oriundo da interface com as ciências biológicas, atrela-se a uma série de discursividades que sinalizam para um efeito de inovação, através da inserção do dizer no âmbito do conhecimento científico e tecnológico.

Quando se fala nessa inovação, não raro se menciona os estudos desenvolvidos no seio desses campos (SOUSA, 2013), apagando-se, assim, as pesquisas erigidas no cerne das ciências humanas e sociais, ou mesmo questionando o estatuto de cientificidade das disciplinas dessas áreas. Basta pensarmos, por exemplo, nos investimentos advindos das agências de fomento à pesquisa, os quais, em sua grande maioria, são destinados à realização de projetos nas áreas da saúde, engenharias e tecnologia. Isso pode explicar, portanto, a emergência dessa abordagem na forma como os enunciados veiculados na revista discursivizam modos de apreender a leitura, uma vez que a prática discursiva jornalística não está incólume às diferentes condições sociais e históricas de produção dos discursos principalmente se atentarmos para a imagem de credibilidade que a revista pretende construir para os seus leitores.

Outro aspecto que vale a pena ser destacado sobre a reportagem diz respeito aos dizeres dos sujeitos-leitores que emergem como testemunhos de sujeitos que não raramente relacionam o êxito profissional à prática frequente da leitura literária. Sobre esse ponto, a revista destaca: “Os depoimentos que acompanham esta reportagem confirmam a importância da leitura de ficção para a realização na vida e na carreira” (VEJA, 2014, p. 130-131). Em tais depoimentos, os discursos apontam para performances individuais exitosas, corporificadas em jovens que foram bem-sucedidos em exames vestibulares, bem como no ingresso em instituições estrangeiras de ensino superior. A leitura, nesse caso, passa a ser vista como diretamente vinculada ao sucesso, no âmbito de uma formação histórica marcada pela competitividade e pela meritocracia. Nesse contexto, o modelo da empresa, conforme preconiza Deleuze (2008), agencia uma espécie de gestão de si. Assim, a leitura é representada como um investimento que, a médio e longo prazo, trará efeitos benéficos para o sujeito-leitor. Na esteira de Barthes (1987), essa leitura constitui um dever, resultante de uma série de obrigações sociais, mais especificamente a exigência em ter sucesso profissional.

Finalmente, cabe acentuar que os títulos que encabeçam tais depoimentos corroboram o que estamos defendendo como, por exemplo, “Leitura ágil e uma vaga no ITA” e “O valor tático de um bom repertório”. Tem-se, pois, uma relação de equivalência e aproximação entre frequência de leitura e a conquista de uma vaga no ITA, no primeiro caso, e a utilização do termo “tático”, no segundo, apontando, assim, para a produção de um efeito de sentido produzido sobre a ampliação vocabular e aprimoramento de habilidades orais a partir da leitura, inserindo positivamente essas qualidades advindas da leitura na disputa por uma vaga no sistema mercadológico. É possível observar, a partir desse exemplo, facetas do objeto leitura, de modo a denotar a heterogeneidade que caracteriza a prática da leitura.

Coadunada com a materialidade verbal, pode ser percebida, no decorrer da reportagem, através da linguagem não-verbal, a representação de livros empilhados sobre os quais um dos jovens leitores põe um dos pés, por exemplo. A partir dessa

relação do não-verbal com o verbal (do texto da reportagem como um todo), a imagem de alguém com os pés sobre livros produz o efeito de sentido de um sujeito que é inserido na posição de um sujeito que alcançou o pódio, tornando-se assim representante de uma coletividade que obtém vitória em determinada situação competitiva em relação aos que não alcançaram. Mas, se não levarmos em consideração apenas os interesses mercadológicos ou os álbis de que a leitura leva a ascender profissionalmente, podemos então destacar outras facetas dos benefícios da leitura que apontam para um entendimento melhor de nós mesmos.

Quando se afirma que 'este é o poder da leitura', é como se o leitor acordasse de um sonho; e, uma vez desperto, ele é informado da série de vantagens [...] proporcionadas pela experiência de leitura [...] tais como a vivência de 'situações inusitadas' ou oferecimento de oportunidades para 'entender o mundo e a nós mesmos' (LAJOLO & ZILBERMAN, 2009, p. 132).

Curioso é que a parte de conhecer o mundo e a nós mesmos não é foco dos *superpoderes* que a leitura pode proporcionar aos leitores a partir dos estudos mencionados na reportagem da *Veja*. Dessa forma, inserir a leitura no nível de êxitos do mercado de trabalho (alcançar profissão melhor, estar mais apto a competir etc.) permite que haja um esquecimento de que a leitura não pode ser tomada apenas como meio para se alcançar determinado objetivo mercadológico ou profissional progressivo.

A atualidade dos enunciados faz com que o novo não esteja no que é dito, mas no acontecimento a nossa volta, que retorna enunciados historicamente assentados em enunciados embasados no ritmo incessante das competições de mercado – revelam-se, então, valores quantitativos de livros vendidos que fazem aparecer números de leitores. Junte-se a isso a presença de uma coletividade de exemplares de livros, localizados abaixo de cada leitor que metaforicamente “sobe ao pódio”, em enunciados não-verbais apresentados na reportagem.

Finalmente, cabe ressaltar que é preciso que não nos esqueçamos de que a leitura pode se apresentar de diversas formas e vestimentas no decorrer da história, desde a inocente identificação dos leitores com o escritor e a busca pelos elementos da biografia até a estratégia “infalível” para, baseada no discurso científico e legitimada oficialmente, possibilitar caminhos de inserção e progressão no mercado de trabalho. É preciso, antes de tudo, desconfiar daquilo que é colocado como “evidente” para perceber as descontinuidades através das quais os enunciados sobre a leitura vão sendo (re)atualizados na história.

4 Considerações finais: nas brechas daquilo que escapa

Tomando como ponto de partida algumas provocações que emergiram a partir da leitura de uma reportagem da revista *Veja*, veiculada em maio de 2014, o presente trabalho se propôs a tecer gestos de interpretação acerca da produção de sentidos que pudessem advir dos enunciados verbais e não-verbais presentes no texto mencionado. Chamou-nos a atenção que a leitura que aparece “no lugar do verdadeiro” (FOUCAULT, 2008) não é a leitura dos cânones consagrados pela crítica literária especializada, mas a partir da repercussão dos livros de um autor de *best sellers*. Nesse sentido, é pertinente reiterar a amplitude do conceito de leitura, atentando para as palavras de Lajolo e

Zilberman (2009, p. 21):

Na nossa acepção, a leitura constitui um discurso que se revela em textos, em emblemas, em problemas, em tomadas de decisões, em políticas. Ela dispõe de antigas e novas tecnologias, como foi a seu tempo a escrita em pedra e é, hoje, a edição de textos por *softwares* de transmissão eletrônica. Ela- a leitura- invade os meios de comunicação públicos e privados, tais como de um lado, jornais, *outdoors* e anúncios e, de outro, cartas e confissões. Manifesta-se em gêneros da oralidade e produtos impressos: provérbios populares ou declamações em praça pública, por uma parte, romances e crônicas veiculados pela indústria topográfica, por outra.

Para problematizar a naturalização de saberes, Foucault opôs-se às interpretações “evidentes”, contrapondo-se aos essencialismos que engaiolavam textos e interpretações em visões “únicas”, que buscassem apreender o sentido “oculto”, o “verdadeiro”, ou seja, o que estivesse “escondido” por trás das malhas dos enunciados. Nessa acepção em que nos inscrevemos, buscamos partir “[...] dos textos para os discursos que constituem textos e sujeitos no decorrer da história, revelada enquanto terreno de descontinuidades” (SILVEIRA, 2014b, p. 38).

Desse modo, não se trata de descobrir evidências, mas perceber que efeitos de sentido podem ser produzidos (e as possibilidades podem ser inúmeras) e que discursos se assentam ou são colocados no lugar do verdadeiro (FOUCAULT, 2008). Ao apreender leituras que em outras épocas não eram percebidas de modo positivo, o presente trabalho busca trazer a história e os sujeitos como permeados pela incompletude, repletos de camadas e reverberações outras que ecoam em determinada época em lugares sociais e historicamente situados.

Referências

BARTHES, R. Sobre a leitura. In: BARTHES, R. O rumor da língua. Tradução de António Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 78-85.

CALVINO, I. *Se um viajante numa noite de inverno*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Planeta de Agostini, 2003.

CANCLINI, N. G. *Leitores, espectadores, internautas*. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. artes do fazer*. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

CHARTIER, R. *Cultura Escrita, Literatura e História*. São Paulo: Art Med, 2001.

CHARTIER, R. (Org.). *Práticas de leitura*. 4. ed. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo:

Estação Liberdade, 2009.

CURCINO, L. Apresentação: Roger Chartier leitor de Michel Foucault, o respeito a um legado e o enfrentamento de seus limites: reflexões sobre a autoria. In: CHARTIER, R. *O que é um autor: revisão de uma genealogia*. Tradução de Luzmara Curcino e Carlos Eduardo Bezerra. São Carlos: EDUFSCAR, 2012, p. 07-18.

CURCINO, L. Discursos sobre a leitura: uma análise da emergência e remanência de certas representações do leitor na atualidade. In: ENCONTRO EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4, 2013, Araraquara. *Anais...* Araraquara: FCL/UNESP, 2013. Disponível em: <<http://www.fclar.unesp.br/Home/PosGraduacao/StrictoSensu/LinguisticaeLinguaPortuguesa/anais-iv-ead.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

DELEUZE, G. *Pós-scriptum sobre as sociedades de controle*. In: DELEUZE, G. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2008, p. 219-226.

FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2ª ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 26. ed. Organização e tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. “A arqueologia da leitura”. In: LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura e seus discursos*. São Paulo: Ática, 2009, p. 17-22.

MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NAVARRO, P. Uma definição da ordem discursiva midiática. In: MILANEZ, N.; GASPAR, N. R. *A (des)ordem do discurso*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 79-94.

SALGADO, L. A leitura como um bem: *slogan* e consenso. In: SALGADO, L.; MOTTA, A. R. (Orgs.). *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 151-162.

SIBILIA, P. Filmes de escritoras: a personagem (privada) ofusca a autora (pública). *Famecos*, Porto Alegre, n. 11, p. 79-94, jul. 2004.

SILVEIRA, E. L. Pensar com Foucault: história, sujeito e discurso. *Cadernos Discursivos*, Catalão – GO, v. 1, n. 1, p. 38 - 50, 2014a.

SILVEIRA, E. L. Entre *selfies*, curtidas e subjetividades: sobre os sujeitos contemporâneos e o cuidado de si. *O corpo é discurso*, Vitória da Conquista, n. 32, p. 4-10, 2014b.

SOUSA, K. M. A noção de enunciado de Michel Foucault: onde dizer é produzir inovação.

Revista da Anpoll, Florianópolis, n. 34, p. 125-157, jan./jun. 2013.

VEJA. *Os superpoderes da Leitura*. ed. 2373, São Paulo: Abril, p. 121-127, 20/05/2014.

Recebido em dia 24 de maio de 2015.

Aprovado em 03 de agosto de 2015.